**Líderes Empreendedores**

**Alexandre: O Grande**

“O General que sabia ganhar batalhas.”

Desde pequeno, Alexandre mostrava inclinação para a carreira das armas e da conquista. Vivia travando luta com os outros garotos, no velho ginásio grego, dando trabalho ao seu professor, Aristóteles; até hoje ninguém teve um professor particular como ele. Mostrava interesse por outras atividades que, a princípio, pareciam não ter nenhuma relação com o uso das lanças e das espadas; o jovem aluno gostava de estudar filosofia e discutir com seu mestre o complicado relacionamento entre os seres humanos. Os Deuses do Olimpo deviam gostar de ver essa dupla juntos - Alexandre & Aristóteles. Essa estranha mistura de interesses - armas, cavalos e carros de guerra - somada ao desejo de conquista, mais o conhecimento da subjetividade e da sutileza no trato com os assuntos “terrenos” levaram Alexandre a desenvolver uma carreira meteórica na incorporação e na gestão de novos territórios. Bem, lá estava Alexandre, com seus vinte anos, saindo para conquistar o mundo: terras como a Pérsia, a Ásia Oriental, o Egito e até as beiradas da misteriosa Índia. Por onde passou, fundou várias cidades com o nome de Alexandria. Antes de partir para suas primeiras conquistas, terminou o trabalho iniciado por seu pai, Filipe; reorganizando a Grécia, trabalho de reengenharia que o velho pai havia iniciado, até ser morto numa cilada preparada por alguns diretores, quer dizer, generais que não entendiam as mudanças e os novos paradigmas do reino grego. Veja que naquela época as reengenharias já eram perigosas. Após esse trabalho de Hércules, digo, de Alexandre, ele olhou para o mapa, chamou seus generais, verdadeiros gerentes de produtos e de novos territórios, e disse:

“-Eis aqui nosso próximo passo. Vamos conquistar a Pérsia - atual Irã - e literalmente dar um “corridão” no rei Dário.”

Alexandre colocou seus exércitos a caminho, se hoje você se queixa dos trabalhos de logística da sua empresa, imagine Alexandre, três séculos antes de Cristo, com dezenas de tropas, somando milhares de soldados. Não existiam as facilidades dos e-mails, computadores, satélites, celulares, terceirizações etc. O recrutamento de pessoal era quase todo feito à força. RH, nem pensar. Alexandre avançou com as suas tropas e, já naquele tempo, mostrava o quanto era atual no marketing pessoal e na comunicação; mantinha porta-vozes, assessores de imprensa, escribas e historiadores para contarem na Macedônia suas realizações nos campos de guerra. Os relatórios eram detalhados. Alexandre fazia questão de se colocar nas frentes de batalha, lutando junto com os seus homens e fazendo que o vissem no ardor da luta. Levou algumas flechadas e machadadas. Com pericia de guerra, escapou da morte varias vezes, tornando-se, para seus soldados, um líder quase imortal. Aliás, a palavra grega para general é *strategos* que deriva de outras duas palavras: *stratos*, que significa exercito e *agein*, liderar ou conduzir.

O General Alexandre era, então, um condutor de exércitos [Alexandre, fazia na prática da guerra o que muitas empresas tentam fazer hoje e raramente conseguem dar foco às suas ações, isto é, sabia mais do que ninguém como fazer isso: encontrar o Core-Business dos negócios.]

Certa vez, Alexandre se viu cercado em uma proporção de cinco soldados persas para cada um dos seus gregos. À noite, na hora do briefing (palavra utilizada pelos aviadores aliados na Segunda Guerra para designar as missões aéreas) os generais de Alexandre chegaram à barraca principal, colocaram os mapas na mesa e disseram: Aí está Alexandre, estamos todos ameaçados. Quando amanhecer, seremos varridos do mapa [Alexandre olhou para o esboço da próxima batalha, coçou a cabeça e disse: - Não! Há uma saída. Eu tenho um plano. -O que faz a união entre os nossos soldados? Se vocês não sabem, eu digo: somos todos gregos, falamos o mesmo idioma, recebemos treinamentos militares iguais, acreditamos nos mesmos Deuses, fomos criados da mesma forma, somos mais organizados que eles e o mais importante, eu, Alexandre, represento a união de todos. - E agora, o que une os soldados de Dário? Somente Dário une os soldados de Dário. Meus pesquisadores de campo informaram que a maioria dos soldados persas vem de tribos diferentes, pensam, usam armas e possuem treinamentos militares de maneiras distintas. Até as comidas e as roupas são diferentes nos acampamentos. Se acabarmos com Dário, provocaremos a confusão entre eles e acabaremos com todos. Minha ordem é para que amanhã, na hora da batalha, cada um dos nossos soldados só tenha em mente uma única missão: matar Dário. Os espiões também informaram que a carruagem real de Dário estaria em determinado local e, quando iniciou a batalha... cada soldado grego tinha em mente uma só coisa: ir em direção a Dário com o intuito de acabar com ele.]

Dito, feito e acabado. Quando Dario viu 50 mil guerreiros gregos correndo ensandecidos em sua direção, tratou de dar no pé, isto é, fugiu deixando suas tropas ao deus-dará. Os soldados perdidos, sem o seu chefe supremo, ficaram atrapalhados e o resultado foi uma carnificina que ficou na história: 5 a 1 para Alexandre. [Alexandre, que soube dar foco à batalha, começou ali a conquista do império persa e de boa parte do mundo antigo.]

Mas o que Alexandre ainda tem para ensinar a nós, pobres mortais, preocupados com a sobrevivência das nossas empresas, com os planos de vendas e a conquista e defesa de territórios? O que os Líderes poderão aprender com este jovem grego, abusado e vitorioso? [“Procurar conhecer antes, profundamente, o terreno onde se vai pisar. Saber tudo sobre a cultura do local onde irão se estabelecer e realizar negócios. Aprender como vive, pensa e respira o povo local, suas leis, costumes e tradições. Entender as sutilezas dos seus comportamentos e, principalmente, quais são os seus sonhos mais secretos.”]

É isso que os nossos homens de marketing e de vendas precisam entender. Alexandre, quando queria invadir uma região desconhecida, informava-se sobre tudo o que havia lá: hábitos, legislação. Religião, quem era quem na administração local, as roupas que usavam, as armas que conheciam, seus animais, aspectos do comércio, detalhes da geografia local, dos hábitos alimentares etc.

Só depois de um minucioso estudo sobre o povo local é que ele chegava e encostava seus exércitos nos muros da cidade a ser conquistada. Se a região se entregava por bem, ele deixava os governantes locais nos cargos e não matava ninguém a não ser que fosse necessário. Nada de saques, estupros ou matanças. Mandava mudar algumas leis, adaptando-as à iniciante democracia grega, colocava alguns dos seus prepostos junto às chefias e ia em frente.

Tão em frente que suas conquistas foram dando certo e ele anexou ao seu império quase todo o mundo conhecido da época. Morreu aos trinta e poucos anos vítima de uma doença misteriosa, agravada por um dos seus ferimentos mal curados, somados ao excesso de trabalho ou, como se diz hoje, cansado de guerra e com estresse de batalha.

**INTELIGÊNCIA ORGANIZAÇÃO E ORDEM:**

A diferença entre os exércitos gregos e os outros (bárbaros) é que os gregos desenvolveram uma boa organização nas batalhas. Os gregos tinham habilidade em combater com ordem e boa formação. Os generais gregos usavam a inteligência e a boa organização dos seus exércitos para enfrentar o inimigo. Por isso muitas vezes enfrentavam exércitos superiores aos seus em número de soldados.